

O NEGRO NA LITERATURA INGLESA – A IDENTIDADE DE “OTELO” REPRESENTADA EM SHAKESPEARE²

Micheli Marques Feitosa

Graduada em Letras com habilitação Português, Inglês e Respectivas Literaturas pela Faculdade Sete de Setembro – FASETE, em Paulo Afonso – BA.
Pós-graduada em Língua Portuguesa e Literatura pela Faculdade São Luís de França – FSLF, em - Aracaju – SE.
Atua como assistente administrativa na Assessoria de Comunicação – ASCOM da FASETE.
michelimfeitosa@gmail.com

Kárpio Márcio de Siqueira

Mestre em Crítica Cultural pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, em Alagoinhas – BA. Atua como Professor pela Universidade do Estado da Bahia – UNEB, em Paulo Afonso – BA.

RESUMO

Este estudo discute a identidade negra representada na obra *Otelo, o Mouro de Veneza*, de William Shakespeare com o objetivo de mostrar como o autor representou o negro na obra a partir da visão da sociedade inglesa e refletir sobre a luta dos escritores negros pela representação positiva de sua identidade na Literatura Inglesa. Além disso, utilizar como análise a obra *Otelo* para ilustrar a opinião da sociedade inglesa de Shakespeare sobre o negro. A metodologia utilizada para desenvolver o trabalho foi através de artigos e estudos bibliográficos de vários autores. Os resultados mostram que a alienação imposta pela sociedade inglesa sobre os negros refletiu consequentemente em um atraso no desenvolvimento de uma Literatura Negra Inglesa que viesse exaltar a cultura negra.

Palavras-chave: Sociedade Inglesa. Literatura Negra Inglesa. Identidade Negra.

ABSTRACT

This study discusses the black identity represented in the work *Othello, The Moor of Venice* by William Shakespeare, with the objective of showing how the author represented the black man in the work from the perspective of English society and reflect on the fight of black writers for positive representation of their identity in English Literature. Moreover, use the work *Othello* as an analysis to illustrate the opinion of the English society of Shakespeare about the black people. This job was developed through articles and bibliographical studies of many authors. The results show that the alienation imposed by English society about black people, consequently reflected a delay in the development of a Black English Literature that would exalt the black culture.

Keywords: English Society. Black British Literature. Black Identity.

INTRODUÇÃO

Neste trabalho refletimos sobre a luta dos escritores negros pela representação positiva de sua identidade na Literatura Inglesa. Além disso, utilizamos para análise a obra *Otelo* para ilustrar a opinião da sociedade inglesa de Shakespeare sobre o negro. O artigo, é composto por dois

² Artigo publicado originalmente na revista CONCEPÇÕES - Revista Científica da Faculdade São Luís de França, Ano V - Edição nº 05 | 2014

capítulos, no primeiro – “O Movimento da Negritude – A busca do sujeito negro por uma identidade”, tratando de fundamentar a história da presença do sujeito negro na Literatura Inglesa, partindo do processo de luta dos escritores negros pela valorização da identidade até o surgimento da Literatura Negra na Inglaterra. No segundo – “*Otelo, O Mouro de Veneza* - em análise” apresenta a análise sobre os mouros, o relato da obra *Otelo, O Mouro de Veneza*, e como a identidade moura do personagem *Otelo* foi representada pelo dramaturgo na obra.

A metodologia utilizada para desenvolver o trabalho foi através de artigos e estudos bibliográficos de vários autores. No que diz respeito à história dos negros vários artigos importantes como o de Domingues, Santos, Ferreira e Nagib foram fundamentais para o desenvolvimento desta teoria além das autoras Zila Bernd e Zilda Iokoi. Por fim os trabalhos de Guy Boquet e Claude Mourthé ajudaram na parte analítica e crítica da obra shakespeariana.

De que maneira o negro esteve presente e como foi representado na obra *Otelo, O Mouro de Veneza*? O Estudo da obra *Otelo*, de William Shakespeare, um dos maiores símbolos literário inglês, é de suma importância para o desenvolvimento deste trabalho, pois através destes conhecimentos entenderemos o motivo que levou os escritores negros a formarem movimentos revolucionários contra a visão alienada da sociedade branca europeia.

1 O MOVIMENTO DA NEGRITUDE – A BUSCA DO SUJEITO NEGRO POR UMA IDENTIDADE

A reação dos negros contra a discriminação racial e a integração cultural a qual eram submetidos teve início nos Estados Unidos com o Pan-africanismo formado por elites negras escolarizadas descendentes de africanos escravizados como Sylvester Willians, Du Bois, Blyden, Padmore e Marcus Garvey, entretanto, a divulgação desse movimento não atingia a todas as camadas sociais da população negra sendo limitada a congressos, livros, jornais e revistas. O Pan-africanismo teve duas vertentes, adotar o “reconhecimento da identidade negra na sua realização nacional, integrada e assimilada à nação, e solidária com os africanos [...] e a outra propunha um utópico retorno de todos os negros norte-americanos à África” (LARANJEIRA apud SANTOS 2007, p.04).

Essas duas vertentes foram responsáveis por despertar a consciência negra e inspirar no surgimento de vários outros movimentos, dentre eles, o Movimento da Negritude que conforme Damasceno (2007):

Surgiu como uma forma de recusa à pura assimilação da cultura européia por parte de intelectuais negros africanos, antilhanos, e outros, em detrimento de sua própria identidade cultural, e como uma tentativa de retorno às tradições e valores primordiais da raça negra; era uma tentativa de corrigir as distorções observadas pelos intelectuais africanos e neo-africanos entre a cultura que lhes era imposta e a sua própria realidade circundante e impedir a desagregação de sua unidade cultural (DAMASCENO apud SANTOS 2007, p.04).

Nos últimos anos a palavra negritude adquiriu vários significados e passou etnicamente a ter um conceito ativo de caráter político, ideológico e cultural. Negritude pode significar segundo Zila Bernd (1988, p.16 apud Domingues 2005, p.06) “o fato de a própria raça como coletividade; a consciência e a reivindicação do homem negro civilizado: a característica de um estilo artístico ou literário; ao conjunto de valores da civilização africana”.

O propósito do movimento foi exatamente inverter o termo negritude para um conceito positivo, pois “a palavra negritude em francês deriva de *nègre*, termo que no início do século XX tinha um caráter pejorativo, utilizado normalmente para ofender ou desqualificar o negro” (DOMINGUES 2005, p.04). A negritude politicamente serve de auxílio para a ação do movimento negro e ideologicamente auxilia no processo de aquisição de uma consciência racial e cultural ajudando na valorização de toda a manifestação cultural de origem africana rejeitando esse processo de alienação aos modelos culturais brancos provenientes da Europa.

O Movimento da Negritude surgiu em Paris em meados dos anos 30 e foi liderado por três estudantes negros originados de colônias francesas: Aimé Césaire, Leopold Sedar Senghor e Leon Damas. Quando esses estudantes negros de Paris passaram a frequentar universidades europeias constataram que o modelo absoluto e universal que a civilização ocidental ensinava na colônia era totalmente enganoso despertando a partir disso uma consciência racial disposta em lutar a favor do resgate da identidade cultural desaparecida do povo negro.

Os estudantes também foram responsáveis pela fundação da revista *L'Étudiant Noir* (O Estudante Negro) pelo qual foi muito importante para a divulgação do movimento da negritude. A revista era a favor da liberdade de criação do negro, condenando o modelo cultural ocidental e defendendo o comunismo, o surrealismo e voltando às raízes africanas. Os fundadores pediam através dela para que os estudantes negros na França assumissem sua verdadeira identidade negra, ou melhor, o seu ser negro, deixando de lado suas diferenças nacionais. Segundo Zilda Iokoi “O movimento da negritude nasceu como resposta positiva da cultura negra no mundo e como denuncia ao colonialismo europeu e à segregação racial norte-americana” (2006, p.12).

Esse movimento literário lutava pela valorização do negro no ambiente cultural, político e artístico exigindo que as populações negras de diversas localidades do mundo assumissem sua condição negra. Ele também marcou a fundação ideológica sobre a negritude no cenário mundial. Todos os movimentos que foram criados seguiam a mesma linha de raciocínio, a de resgatar e valorizar a identidade negra, unindo os africanos e afro-descendentes.

O objetivo ampliou à medida que sua inclusão social e seu poder de mobilização se expandiam, entretanto, além de contribuir na estimulação da consciência negra os aderentes passaram também a protestar contra a ordem colonial e a lutar pela libertação política dos povos africanos da opressão europeia. Conforme seus textos, Munanga (1986) destaca os principais objetivos do movimento:

Buscar o *desafio cultural* do mundo negro (a identidade negra africana), protestar contra a ordem colonial, lutar pela emancipação de seus povos oprimidos e lançar o apelo de uma revisão das relações entre os povos para que se chegasse a uma

civilização não *universal* como extensão de uma regional imposta pela força – mas uma civilização do *universal*, encontro de todas as outras, concretas e particulares (MUNANGA 1986, p. 43-44).

Após adquirir novos objetivos, o movimento depois da segunda Guerra Mundial (1939-1945), passou para uma fase combatente que ultrapassava os limites da literatura estimulando de forma ideológica a luta das organizações políticas e das associações africanas pela causa negra. Na década de 1960 esse processo alcança seu auge quando consegue obter adeptos internacionalmente.

1.1 IDENTIDADE NEGRA: CONCEITO E SUPOSIÇÕES

A identidade nada mais é do que um conjunto de características próprias e individuais de uma pessoa. A construção de uma identidade envolve muitos fatores, frequentemente, busca reivindicar questões sobre quem pertence ou não pertence a um determinado grupo identitário, outros se baseiam a qual raça ou parentesco está relacionado, investiga a verdadeira origem da sua história e do seu passado, além da sua condição social e material.

A luta dos negros pela valorização da identidade, historicamente, foi marcada por muitos conflitos implicando principalmente na avaliação negativa que os brancos haviam submetido sobre eles, “o que reforça o eurocentrismo, o desejo de *identificação* com o branco, e acima de tudo, o maniqueísmo do branco vs. negro que metaforiza, respectivamente, o bem vs. mal” (FERREIRA 2009, p.57) fazendo-os perder sua própria presença e sua imagem diante de seus próprios olhos, ou ainda melhor, levando-os a fechar as portas para sua própria cultura e raça. “Os olhos do homem branco destroçam o corpo do homem negro e nesse ato de violência epistemológica seu próprio quadro de referência é transgredido, seu campo de visão perturbado” (BHABHA apud FERREIRA 2009, p.57).

As características atribuídas ao negro pelo branco tais como: selvageria, deficiência cultural, intelectual e racial, entre outras, acabou prendendo o homem negro a impressões de primitivismo, de deslocamento e de degeneração sobre si mesmo dificultando a revelação da presença negra como identidade, e conseqüentemente, levando-o a uma memorização dupla associada aos mitos e tradições africanos à história: “de um lado, cultivar as tradições africanas (memória coletiva) e, de outro, propor uma re-leitura da História e a reversão do binômio em que civilização é associada ao mundo branco e barbárie ao mundo negro” (BERND, 1988, p. 42).

Diante dessa violência psíquica que o negro sofreu nasce o desejo de revelar ao branco sua verdadeira identidade, exigindo ser ouvido, aceito, reconhecido e considerado como pessoa e não como homem marcado pela cor e por seus estereótipos, desta forma, o sujeito negro lutou pelo direito de revelar tudo o que havia sido escondido sobre sua sociedade e sua cultura através de vários movimentos, nos quais, contribuíram no resgate da identidade negra no ambiente político, ideológico e cultural.

1.2 A LITERATURA NEGRA NA INGLATERRA

A população da África em sua grande parcela foi capturada, escravizada e levada para a América e Europa “desde o começo do século XVI e, em particular, ao longo da segunda metade desse século, a África, desempenhou um papel extremamente importante [...] de fornecedora de mão-de-obra” (OGOT, 2010, p. 11). Muitos africanos, também, foram levados para a Inglaterra, resultando em um número razoável de negros “nas colônias inglesas, que passou de 264.000, no século XVII para 1.400.00 no século XVIII” (OGOT, 2010, p.17). Esse processo de imigração ao longo do tempo desencadeou inúmeras transformações na metrópole britânica as quais se expressaram também no contexto literário.

Vários escritos de negros livres nos séculos XVIII e XIX como os de Ukawsaw Gronniosaw (1705-1775), de Ignatius Sancho (1729-1780), de Alaudah Equiano (1745-1797), de Ottobah Cuogano (1757-17??) e de Mary Prince (1788-18??) expressavam as histórias vividas pelos negros dentro de uma sociedade branca, na busca pela identidade e pela liberdade. Os autores brancos como Rudyard Kipling (1865-1936), Joseph Conrad (1857-1924) e Henry Haggard (1856-1925) também desenvolveram textos semelhantes, colocando personagens negros em suas narrativas, mas seguindo os padrões racistas da época do imperialismo britânico. Esses textos foram os percussores para o nascimento da literatura negra britânica por representar um “eu enunciador” negro a partir da descrição da vida e da cultura africana pelos africanos, além de transformar a cultura tradicional inglesa.

Muitos escritores de ex-colônias chegaram à metrópole inglesa buscando melhores oportunidades e com o propósito de publicar seus trabalhos. O poeta jamaicano James Berry (1924) foi um dos primeiros a chegar à metrópole em 1948, anos depois outros intelectuais se juntaram a ele, como Stuart Hall (1932), VS Naipaul (1932), Andrew Salkey (1928-1995), Wole Soyinka (1934) e Chinua Achebe (1930). Todos eles buscavam através de seus textos mostrar as mudanças que estavam ocorrendo no contexto britânico após a chegada de inúmeros imigrantes, focando suas temáticas à falta de moradia e de emprego, e também ao preconceito.

A segunda geração de escritores negros britânicos (1970-1990) expressavam nos textos suas insatisfações por terem nascido ou terem sido levados para a Inglaterra e não serem aceitos pela sociedade, dentre eles estão: Bem Okri (1959), John Agard (1949), Grace Nichols (1950), Jean Binta Breeze (1957), e Caryl Philips (1958). A terceira geração, como Andrea Levy (1956), Monica Ali (1967), Zadie Smith (1975) surgiram a partir de 1990, eles passaram a explorar “as várias tensões oriundas de uma sociedade multicultural, deixando a narrativa autobiográfica e aderindo a gêneros ficcionais” (NAGIB, 2011, p. 20).

A literatura negra britânica se desenvolveu apenas a partir de 1950, mas desde o seu surgimento até a contemporaneidade ela retrata os efeitos da dispersão dos povos, as

diferenças culturais, denuncia o passado imperial, mostra o preconceito até os dias atuais e as péssimas condições de sobrevivência que a primeira geração de imigrantes sofreu na Inglaterra.

O termo “literatura negra britânica” se refere segundo Nagib “a um conjunto que, embora composto por escritores de diferentes bases culturais e até mesmo étnicas, carregam consigo como identidade comum a experiência da colonização, da diáspora e da marginalização” (2011, p.21).

Stein citado por Nagib (2011) expõe esse termo da seguinte maneira:

[...] o termo não quer representar uma única experiência. Ao invés disso, eu o uso como termo coletivo que cobre um campo de experiência imaginário de superposição de territórios. Enquanto na sua abordagem mais estreita ele se refere meramente a escritores com raízes africanas caribenhas, na mais ampla, ele pode incluir escritos que recorram a domínios da África, Ásia ou do Caribe [...]. Este novo espaço denotado pelo rótulo da literatura negra britânica está longe de ser homogêneo; ao contrário, sua heterogeneidade é uma de suas características definidoras (NAGIB 2011, p.21).

Percebe-se que a literatura negra britânica por tratar de assuntos e temas tão variados como qualquer outra literatura, continua evoluindo, renovando-se a cada dia, e lançando mais questionamentos a respeito da herança do imperialismo por meio de seus romances e poemas, além de influenciar e ser influenciada nas mais diversas culturas do mundo moderno seja elas originadas de experiências atuais ou de contatos distantes entre diferentes nações. Seus escritores além de dividir a língua inglesa também dividem um passado, apresentando em suas obras uma tendência pelos assuntos de identidade, etnicidade e língua.

A partir de todo o estudo feito sobre a desconstrução e alienação que o branco submeteu ao negro sobre sua própria imagem, despertou nesse sujeito discriminado o desejo de lutar pela sua verdadeira identificação. A obra *Otelo* é um exemplo sobre essa desconstrução e alienação que o branco impunha a imagem negra. O foco principal dessa análise é mostrar a maneira como esse personagem negro teve sua identidade desconstruída através da visão estereotipada de alguns personagens, que representam à sociedade europeia.

2 “OTELO, O MOURO DE VENEZA” - EM ANÁLISE

Na Inglaterra elisabetana de Shakespeare o mouro era visto como uma pessoa de cor negra. O crescente número de mouros durante o reinado da rainha Elizabeth desagradou-a, a ponto de determinar a expulsão deles. Esse comportamento da rainha mostra a crítica em relação aos estrangeiros na Inglaterra de Shakespeare, pois segundo a sociedade elisabetana a cultura nômade dos mouros poderia colocar em risco aquela constituição política. As etnias e culturas diferentes eram tratadas com total desconfiança pela Inglaterra elisabetana. Guy Boquet (1989) em seu livro *Teatro e Sociedade: Shakespeare* cita que:

O público inglês não tinha vivido muito com a imagem da África legada pelos historiadores antigos e os compiladores medievais, tal como ela aparece nos relatos de Otelo para Desdêmona. Mas as trevas de um continente misterioso começavam a ser atravessadas pelas narrativas dos viajantes e dos negreiros que tinham introduzido em Londres um número suficiente de negros (BOQUET 1989, p.51).

O maior representante do período elisabetano William Shakespeare em algumas de suas obras representa o mouro de várias maneiras. Na obra *Titus Andronicus* o personagem mouro Aarão é um vilão que no decorrer da trama se transforma em uma pessoa bondosa. Na comédia *O judeu de Malta* ele cria um personagem mouro cômico chamado Marrocos. Após a visita de um embaixador luxuoso, de trajes extravagantes e de pele amorenada na corte de Elizabeth, Shakespeare adquire uma impressão diferente sobre a figura moura levando-o a elaborar um novo caráter mouro com a obra Otelo, O Mouro de Veneza. A obra é rica em elementos como: intrigas, lutas, violências, traições além de mostrar Otelo como um personagem contraditório e complexo. Partindo desse relato sobre os mouros o estudo a seguir mostrará de maneira mais detalhada como a identidade moura do personagem Otelo foi realmente representado por Shakespeare na obra.

2.1 A IDENTIDADE DE OTELO REPRESENTADA EM SHAKESPEARE

A obra Otelo, O Mouro de Veneza produzida por William Shakespeare, remete várias ideias interessantes como o preconceito religioso e racial, o ciúme e a crítica política. Uma das maiores curiosidades da obra são os estereótipos utilizados pelos personagens Iago, Brabâncio e Rodrigo para desqualificar a identidade do protagonista Otelo. Shakespeare utiliza este personagem negro para demonstrar as concepções negativas e distorcidas da sociedade inglesa sobre as pessoas de cor e de culturas diferentes, mesmo esses sujeitos estando inseridas nela. O autor intencionalmente relembra através do título qual é a principal marca identificadora de Otelo: o “mouro” de Veneza. Este termo é usado insistentemente pelos outros personagens para se referir a Otelo, indicando que o general de Veneza era alguém que tinha cor de pele diferente no seio daquela sociedade. “Os mouros eram caracterizados na Inglaterra elisabetana como sendo simultaneamente nobres ou monstruosos, civilizados ou selvagens” (BRAXTON apud VIEIRA 2011, p.34).

A tentativa de Iago e outros personagens em desqualificar a figura nobre e sofisticada de Otelo põe-se o tempo todo com a do “selvagem” quando passa a ser vista no decorrer da história. A nobreza do mouro estava tão diretamente amarrada às suas ações e seus sentimentos que ele depositou toda sua confiança na honestidade de Iago, pois os dois como companheiros de guerra, deveriam ser guerreiros leais a ponto de confiar suas vidas. Um dos elementos explorados por esse vilão para tramar a queda do herói foi exatamente aliená-lo sobre a questão da sua identidade e lançar dúvidas sobre o caráter de sua esposa, porque da mesma maneira que ela enganou o pai também poderia enganá-lo, e sendo ele estrangeiro e recém-casado não poderia conhecer os costumes de sua mulher e nem daquela sociedade. Mas Otelo não acredita nele totalmente, mesmo dominado pelo ciúme o general dúvida de Iago e pede-lhe provas sobre a infidelidade de Desdêmona.

Otelo, no decorrer da trama, carrega a marca da diferença em sua identidade, apesar de ser nobre e ocupar uma posição de destaque sua condição de negro e de estrangeiro o impedem de ser integrado e reconhecido à cultura de Veneza. Nota-se no início da história que o nome de Otelo não é mencionado, sua identificação se dá através de imagens carregadas de simbolismo como “o mouro”, “o negro” que enfatizam sua condição racial de forma aberrativa. Para os cidadãos de Veneza a presença de Otelo ameaça e desestabiliza a severidade social e étnica da sociedade veneziana que ironicamente dependem dele “um estrangeiro” nas batalhas contra os invasores turcos, que também são estrangeiros. Victor Hugo (2006) em sua obra sobre William Shakespeare fala a respeito do personagem Otelo da seguinte maneira:

O que é Otelo? É à noite. Imensa figura fatal. A noite está apaixonada pelo dia. A escuridão ama a aurora. O africano ama a branca. Desdêmona é a claridade e a loucura para Otelo. Assim, o ciúme é fácil para ele! Ele é poderoso, augusto, majestoso, está acima de todas as cabeças, tem por cortejo a bravura, a batalha, a fanfarra, a bandeira, o renome, a glória, tem o brilho de vinte vitórias e os astros a seu favor, esse Otelo, mas ele é negro. Assim, enciumado, o herói logo vira um monstro, o negro torna-se negrume. Como a noite logo acena para a morte (HUGO apud MOURTHÉ 2006, p.123).

O fato de Otelo está inserido numa sociedade branca europeia a sua identidade não pertence àquele universo, sendo então considerado como o “outro” e como um sujeito de não identidade. Tais motivos levam a sociedade associar sua imagem negra a cognomes como bárbaro, desumano, demoníaco. O protagonista mouro do segundo ao último ato da obra carrega em sua identidade a marca da diferença naquela comunidade ao qual estava inserido, portanto, pelo fato dele ser negro, ele concentrava em si imagens geralmente associadas ao negro como demônio, diabo, extravagante, nômade. Diante dessas imagens a identidade do personagem era definida segundo a imaginação estereotipada da sociedade veneziana que era baseada tanto na rejeição quanto no medo do negro, por isso, na visão da sociedade, Otelo representava o invasor que atacava uma “sociedade pura” transformando-a numa “sociedade corrompida”.

Apesar de Otelo ser descrito por adjetivos bastante pejorativos como “beijudo”, “demônio”, “lascivo mouro”, “estranho errante”, “bode velho e preto” constata-se no decorrer da trama que o personagem diabólico não é ele, mas Iago. O mais interessante é que praticamente todas as linguagens de cunho racista são expressas pelos personagens que apresentavam fraqueza e falha de caráter como Rodrigo um bobo útil, Iago um vilão e Brabâncio um velho tolo. Otelo tinha “consciência da cor de sua pele, de sua diferença, de sua inferioridade real – um complexo – leva-o a dar ouvidos às calúnias de um branco, que não é senão seu ajudante-de-ordens” (MOURTHÉ, 2006, p.124).

O caluniador branco, Iago, no decorrer da trama fixa em outros personagens uma visão negativa sobre a identidade de Otelo, usando uma linguagem preconceituosa e desqualificada. A linguagem metafórica utilizada nas falas dele para desqualificar a identidade do herói pode ser vista nas passagens a seguir:

- 1) Iago - Agora mesmo, neste momento, um **bode velho e negro** está cobrindo vossa ovelha branca [...] o **diabo** vai fazer de vós um avô (Ato I, cena I, p. 23-24).
- 2) Iago – [...] quereis que vossa filha seja coberta por um **ganhão da Barbaria**? Estais querendo ter netos que **relinçam!** Acabareis tendo **corcéis** como primos e **ginetes** como parentes (Ato I, cena I, p.25).
- 3) Iago – [...] vossa filha e o mouro estão agora formando a **besta de duas costas** (Ato I, cena I, p. 25).

Na primeira passagem Iago refere-se à figura de Otelo como “bode velho e negro” e “diabo” comparando-o de maneira insignificante com a cor branca da ovelha que é atribuída a Desdêmona, evocando assim uma oposição entre o pecado e a pureza. Na segunda e terceira passagem percebe-se através dos elementos de animalização “corcéis”, “ginetes” e “besta de duas costas” a verdadeira questão em torno do casamento de Otelo e Desdêmona, pois o novo casal segundo Iago produziriam descendentes mestiços que colocariam em risco a estabilidade racial da sociedade veneziana. O intuito de Iago era conseguir despertar o ódio dos cidadãos de Veneza manipulando-os a seu favor.

A aversão pelo mouro também aparecem de forma explícita nas falas de Rodrigo, um cavalheiro veneziano e pretendente à mão de Desdêmona que foi rejeitado pela moça e pelo pai que não o considerava digno para a filha. Diante desses fatos ele se une a Iago na vingança contra Otelo. A referência que faz ao protagonista deixa transparecer sua visão distorcida:

- 1) Rodrigo- Que sorte sem igual terá o **homem de lábios grossos** se ganha esta! (Ato I, cena I, p. 23).
- 2) Rodrigo – [...] que vossa bela filha, nesta hora imprópria, em noite tão escura, sem melhor escolta do que a de um laçao comum, um gondoleiro, haja ido entregar-se aos abraços de um **mouro lascivo** [...] vossa filha, se não a autorizaste, continuo dizendo, tornou-se culpada de grave falta, sacrificando seu dever, sua beleza, seu espírito e sua herança a um **estrangeiro extravagante e nômade**, sem pátria e sem lar (Ato I, cena I, p.25).

Assim como Iago e Rodrigo o pai da jovem Desdêmona, segue a visão negativa instigada pelos outros dois, demonstrando sua aversão à união do casal e ao mouro. Brabâncio condena Otelo de ter cometido um crime traiçoeiro ao utilizar magias para encantar sua filha, pois ela jamais teria escolhido um negro a quem temia olhar senão houvesse sofrido algum encantamento mágico, pois sua identidade estava associada ao mal, a ruína e à morte.

Brabâncio – Apelo para toda a criatura de senso se não estivesse ela presa em cadeias de magia, como uma donzela tão terna, tão bela, tão feliz, tão avessa ao casamento, que rejeitava os apaixonados ricos e mais bem destacados do país, poderia algum dia com risco de ser objeto de desprezo geral, ter fugido da tutela paterna para ir abrigar-se no seio escuro de um ser como tu, feito para inspirar medo e não deleite? (Ato I, cena II, p.30).

A figura madura e segura de Desdêmona é simbólica aos valores relacionados ao ser, ela admirava o mouro justamente por ser um homem diferente naquela sociedade. Em uma passagem da obra ela demonstra que vê Otelo por aquilo que nem ele mesmo consegue enxergar:

Desdêmona - Que me apaixonei pelo Mouro a ponto de ir viver com ele, isto minha total violência e meu desprezo à boa sorte encarregam-se de apregoar ao mundo. Meu coração submeteu-se mesmo à verdadeira qualidade de meu amo e senhor. Enxerguei a face de meu marido na mente de Otelo, e à sua honradez e talentosa coragem consagrei minha alma e meu destino (Ato I, cena III, p.38).

Nesta passagem Desdêmona explica ao pai, na frente do Duque, que foi atraída pelas histórias vividas pelo mouro e contadas nas palavras de Otelo. O exotismo das histórias de Otelo seduz a jovem pelo estrangeirismo, causando na sociedade certo desconforto e fascínio. “Ela me amou porque passei perigos e eu a amei pela piedade que mostrou por eles. Foi esta a única feitiçaria que usei” (Ato I, cena III, p. 35-36).

Otelo reconhece sua diferença em relação àqueles cidadãos de Veneza e por esse motivo passa a questionar sua identidade entre ele e Desdêmona parecendo aceitar as imagens que lhe são atribuídas a ponto de confirmar que sua dureza era por causa da cor de sua pele e não por ser um guerreiro. “Talvez porque seja negro e não tenha na linguagem as formas flexíveis dos cortesãos, ou então, porque esteja descendo o vale dos anos” (Ato III, cena III, p.78).

Desdêmona é morta por Otelo conforme Iago havia lhe aconselhado através do sufocamento, pois o mouro considera a pele dela mais branca que a neve, simbolizando a pureza, por isso angustiado pela diferença de identidade entre os dois ele prefere não sujar com sangue a beleza que restava na pele branca da amada. “Mesmo assim, não quero derramar-lhe o sangue, nem manchar essa pele mais alva do que a neve e tão macia quanto a glória do alabastro” (Ato V, cena II, p.127).

As diferentes construções de uma identidade deixam marcas no seu processo de formação e no modo como os sujeitos são posicionados dentro das sociedades. O casamento entre Otelo e Desdêmona reforça a sociedade veneziana de aderi-lo como cidadão veneziano e não apenas como uma ferramenta indispensável para guerrear em nome da comunidade de Veneza, transformando-o desta forma numa pessoa de identidade. Otelo morreu vítima de sua honestidade, de sua paixão, de seu ciúme e não apenas por causa de sua cor, nem de sua posição social, nem de sua cultura, apesar das inúmeras imagens bestiais que os outros personagens tentaram lhe associar. A sua identidade foi mantida por um sistema marcado pelo sentimento universal determinado pela sociedade veneziana, colocando em crise a identidade do protagonista negro, ou seja, a cor da pele aumentou ainda mais sua condição de estrangeiro e como “alguém que não pertence àquele universo civilizado do mundo europeu” (VIEIRA, 2011, p.21).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho de pesquisa bibliográfica e de escrita analítica sobre a tragédia *Otelo*, O Mouro de Veneza, de William Shakespeare, possibilitou-me investigar a presença do negro na Literatura Negra Inglesa e sua representação na obra shakespeariana.

Acredito que este trabalho demonstrou textualmente o nível de pesquisa envolvido na análise sobre a busca de uma presença negra na Literatura Inglesa e a representação da identidade negra na obra shakespeariana do período elisabetano. Por isso ao longo desse estudo tentei exemplificar com o mouro “*Otelo*” a representação que Shakespeare faz na obra sobre a visão da sociedade elisabetana a partir da sociedade veneziana em relação à questão racial do personagem. O objetivo não era utilizar a questão racial e as possíveis marcas racistas no texto, mas explorar os estereótipos mencionados pelo autor para expressar a opinião da sociedade veneziana, que representa a sociedade elisabetana, ao designar a identidade de *Otelo*.

Percebi com a obra “*Otelo*” que os estereótipos descritivos utilizados pela sociedade veneziana em relação à identidade do personagem negro, serviram como modelo para demonstrar um dos reais motivos que levaram escritores negros a se rebelarem contra a alienação imposta pelos colonizadores ao seguirem uma mesma linha de raciocínio: o de resgatar e valorizar de maneira positiva a identidade negra.

No campo literário apresentei a evolução da Literatura Negra através das manifestações dos escritores negros pela definição de um *eu* enunciador negro, utilizando assuntos sobre a condição humana fossem eles; político, social, psicológico, moral ou estético. Notei também que o surgimento e o desenvolvimento da Literatura Negra na Inglaterra se deram somente a partir de 1950 e por meio da contribuição de grandes escritores negros. O surgimento tardio da Literatura Negra Britânica mostrou que seus escritores não dividiam somente uma língua, eles também dividiam um passado de alienação imposta pelo branco sobre sua própria imagem e identidade.

Pretendi, com este trabalho, oferecer uma contribuição para compreender diante da visão estereotipada da sociedade elisabetana inglesa retratada na sociedade veneziana, a representação da identidade negra do personagem *Otelo*, e exemplificando através dele os motivos que levaram os negros a lutarem pela formação positiva da identidade negra nos diferentes contextos históricos e socioculturais, mas principalmente na Literatura Inglesa.

REFERÊNCIAS

- BERND, Zilá. **Introdução à Literatura Negra**, São Paulo, Brasiliense, 1988.
BOQUET, Guy. **Teatro e Sociedade: Shakespeare**. Ed. Perspectiva S.A. São Paulo, SP 1989.

- DOMINGUES, Petrônio. **Movimento da Negritude**: Uma breve reconstrução histórica. Londrina, jan. 2005. **Mediações – Revistas de Ciências Sociais**. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/.../2137/2707>>. Acesso em: 10 out. 2014.
- FERREIRA, Geniane Diamante Ferreira. **Resistência, Subjetividade e Indentidade do sujeito negro em Crossing the River (1993), de Caryl Philips**. 2009, 130 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá - PR.
- IOKOI, Zilda Márcia Gricoli. **Negro e Negritude**. Edições LOYOLA. São Paulo, SP. 3 ed. Setembro de 2004.
- MOURTHÉ, Claude. **Shakespeare**. Tradução Paulo Neves Coleção L&PM Pocket. Porto Alegre, RS 2007.
- MUNANGA, Kabengele. **Negritude**: usos e sentidos. São Paulo: Ática, 1986.
- NAGIB, Francieli Aparecida Muniz. **Tensões e Negociação na convivialidade multicultural em Brick Lane (2003), de Monica Ali**. 2011, 124 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR.
- OGOT, Bethwell Allan. **História Geral da África, V: África do Século XVI ao XVIII**. Brasília: UNESCO, 2010.
- SANTOS, Donizeth Aparecido dos. Poetas de todo o mundo. Abr./mai./ jun. 2007. **Revista de História e Estudos Culturais**, v. 4, ano 4, n 2. Disponível em: < <http://www.revistafenix.pro.br> >. Acessado em: 10 de out. de 2014.
- SHAKESPEARE, William. **Otelo, O Mouro de Veneza**. Tradução: Jean Melville. Ed. Martin Claret LTDA - São Paulo, SP 2007.
- VIEIRA, Carlos Tadeu Lira. **Identidades Brasileiras de Otelo: O Mouro de Veneza entre nós**. 2011, 109 f. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei.